

FREUD, A CULTURA E A TANATOLOGIA: Uma leitura de Marcuse na obra social freudiana¹

*Rogério Lustosa Bastos**

RESUMO:

Este artigo se propõe a discutir a teoria cultural freudiana, ressaltando a importância da pulsão de Eros e também de Tanatos na relação entre os homens: debateremos aqui, entre outros fatos, que se o indivíduo não se submeter devidamente as coibições sociais, poderá destruir a si e ainda ao outro. Considerando que tal teoria aponta que a esperança de sobrevivência passa mais pelos arranjos coletivos do que pela realização individual das pulsões sem limites, debateremos tal fato agora por uma análise social de Freud na leitura de Marcuse. Este autor, debruçando-se sobre essa obra, de um lado, ressalta que a contribuição da psicanálise, especialmente quanto a Tanatos, é de um legado impar, de outro, pensando por entre as costuras e brechas da teoria cultural freudiana, mostra que há espaço tanto para se resgatar a utopia (existência sob o predomínio de Eros, que não se reduz a visão genital), quanto para se criar um novo princípio de realidade.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura. Pulsões. Novo princípio de realidade.

¹ Este texto é um resumo de nossa pesquisa de pós-doutorado, a qual não só ocorreu no Programa de Pós-Doutorado em Psicanálise da UERJ, sob tutoria da Profa. Dra. Sônia Altoé, durante o ano de 2009, como também foi transformada em um livro: *Freud e o problema da cultura e da tanatologia: leitura de Marcuse em prol de Novo Princípio de Realidade*.

* Professor Associado do Depto. de Métodos e Técnicas da ESS/UFRJ; Pós-doutor em Psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Entre outras obras, tem publicado: *Psicanálise e pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2009. E-mail: rogerlustosa@ufrj.br

Introdução

Senhores, não se assustem! Hoje lhes direi algo espantoso sobre a finitude: ainda que estejamos aqui para nos despedir de um ente querido que faleceu; porém, a verdade é que nós é que estamos mortos, e não Freud, o nosso amigo, aqui, neste esquife..
(S.Zweig, pronuncia-se o escritor em 26/09/1939 no crematório de Londres no velório do autor da psicanálise)

Este artigo quer estudar o problema da cultura e da Tanatologia em Freud, especialmente porque, ao se entrelaçar com as pulsões, discute-se também algumas implicações políticas, as quais, para Marcuse, nos darão elementos para resgatarmos a utopia e também para criarmos um novo princípio de realidade.

Afora a obra cultural freudiana, segundo Mezan (2000), tratar de um conjunto de textos produzidos, em torno de 1920, os quais foram escritos a partir dos seus últimos anos de vida², a tanatologia desenvolvida aqui será a que visa menos um estudo da morte em si e mais uma que se interessa pelos sentidos múltiplos da vida: tal discussão não só pode enriquecer a compreensão sobre a finitude, como também alargar a visão sobre a pulsão de morte. Nunca é demais lembrar que ao associar a pulsão de tanatos à pulsão de vida, Freud destacou que ambas as pulsões têm papel relevante na nossa estrutura e, especialmente junto à possível inserção social do indivíduo: obviamente, é claro, caso ele se submeta aos mínimos limites de sua cultura. Em outras palavras, o debate dessas questões, que é o estudo de nosso objeto, em síntese, aponta para as seguintes indagações básicas: quanto à inserção social do homem na cultura, quais as questões principais que estão ali implicadas não em termos das produções de subjetividade de “assujeitamento”, como também das “rupturas” junto à ordem, implicações que se dão a partir do conceito da pulsão de morte? Ao fazer a defesa da ordem social e de suas coibições sobre as pulsões, seja de forma velada ou não, Freud não está se posicionando politicamente? Será que ao adentrar por esse campo e assumir a defesa da ordem social, além de estar em sintonia com os

² Mal-Estar na cultura; Futuro de uma ilusão, Moisés e o monoteísmo, entre outras obras. Especificamente sobre tais obras, ver nota de rodapé número 10.

valores do Iluminismo, o criador da psicanálise não estaria também indo em direção a Marcuse, no sentido de pôr no nosso horizonte a elaboração de um novo princípio de realidade?

Metodologicamente, além de ter sido feita uma pesquisa bibliográfica na obra de Freud para averiguar o nosso objeto, este artigo será desenvolvido pelos seguintes capítulos: 1º- o pensamento freudiano e a cultura: a questão da tanatologia junto ao princípio de realidade atual (1.1. A questão da cultura para Freud; 1.2- A questão do político no pensamento freudiano); 2º- Marcuse, a cultura e o pensamento freudiano: leitura entre a teoria das pulsões e o resgate da utopia (2.1- Marcuse e a crítica ao princípio de realidade vigente; 2.2- Marcuse e a construção de um novo princípio de realidade); Conclusões.

Personalidade curiosa foi Freud, além de nos deixar a psicanálise que nos amplia os horizontes clínicos (o que não é pouca coisa), perto de sua morte, apresentou-nos textos singulares. Estes, entrelaçando Eros com Tanatos, tocam na questão política pelo estudo das práticas da relação dos indivíduos com o grupo social. Detalhe: entre outros fatos, tais textos apontam que do ponto de vista individual, desapareceremos, pois diante do último ato, ao se “descer as cortinas”, ali estaria uma prova cabal de que a pulsão de morte sempre sairá vitoriosa; entretanto, há uma esperança: buscando a vida coletiva, caso consigamos nos submeter às coibições da cultura; partilhando da pulsão de Eros, dentro do princípio de realidade (e ele não se referia necessariamente à relação genital ou à constituição de família), não desapareceremos. Então, antes de lermos propriamente este artigo, vejamos, a propósito, o que nos diz o orador, no dia 26/09/1939, no crematório de Londres:

Não se assustem, continua Zweig, mas vou lhes dizer que reunidos aqui para lhe prestar as últimas homenagens e expressando-me na língua alemã, próprio de Viena, a sua terra natal, Sigmund Freud, deitado aqui com seu corpo neste ataúde, parece-nos que também inova frente à finitude: alguns dos presentes aqui, em sua consciência, duvidarão que agora, mais do que nunca, Freud se levantará deste esquife através de obra que agigantará homem pelos séculos?[...] Assim, sua partida não representa um fim, não é um remate abrupto, mas uma suave transição da mortalidade para a imortalidade. Da matéria efêmera, que hoje perdemos tão dolorosamente ficará a imortalidade de sua obra e de seu ser (Zweig, 1956, p.45).

1. O pensamento freudiano e o problema da cultura: a questão da tanatologia junto ao princípio de realidade atual

1.1 - A questão da cultura para Freud

Segundo Freud (1930), uma das maiores insensatez do humano reside na atitude de se querer continuar a viver e também de se destruir a cultura. O espantoso é que, independente do conteúdo dessa frase, quem a profere não é um cientista social, porém o autor da psicanálise, a qual é uma disciplina que destaca a questão da singularidade e a sua decifração no tratamento das neuroses. Assim, aqui, Freud está chamando a atenção para o fato de que como um pulmão não pode sobreviver se destruírem a atmosfera, a vida cultural tem importância cabal para os indivíduos.

Especificamente quanto à cultura³, diz-nos o próprio Freud:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal [...], apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento ou capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro lado, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (Freud, 1927, p.16).

Como se vê, para o pensamento freudiano esse conceito está basicamente implicado com duas questões: 1ª) os homens adquirem conhecimento para se defender do desamparo frente à natureza hostil que os cerca e, assim, criam a ciência e todo um aparato de saber que lhes aumentem as chances de obter uma melhor vida sobre o planeta; 2ª) para se defenderem de sua natureza “interna”, que se manifesta pelas suas pulsões, os homens necessitam se agrupar e, para tanto, estabelecem regulamentos e submetem tal natureza ao princípio de realidade vigente. Desta maneira, com tal definição Freud faz a defesa de que todo

³ Acerca das obras freudianas que tratam da cultura, ver nota de rodapé “no 2”.

indivíduo é virtualmente inimigo da cultura humana, ainda que esta lhe seja de vital importância e também grande aliada para a sua própria sobrevivência em grupo.

Em síntese, Freud aponta que cada um só garantirá a realização de sua força pulsional, a qual é composta pela pulsão de Eros e de Tanatos, se nos submetemos às coibições sociais, ou seja, ele assinala que essa força pulsional, caso seja liberada livremente, poderá nos aniquilar. Ela, na verdade, se tem Eros que tende a compor, ao mesmo tempo, possui Tanatos para decompor, daí que no final das contas, pelo menos do ponto de vista individual, a morte, literalmente falando, sempre vencerá. E mais um detalhe: a pulsão de morte, a qual, em certo sentido, também tem sua parte na pulsão de Eros, indiretamente se manifesta no homem através de um componente agressivo. Deste modo, se não for coibida pelas leis e normas (que não são apenas simbólicas), em tese, poderá pôr fim a nossa caminhada.

Em contrapartida, ainda a propósito, o pensamento freudiano deixa claro que uma das grandes saídas para tal impasse é a vida coletiva. Ora, se, de um lado, do ponto de vista individual Tanatos sempre vence, de outro, do ponto de vista da cultura, quando conseguimos nos agrupar e nos submetemos às coibições do grupo, realizando-nos pelo princípio da realidade, nós sobreviveremos coletivamente. Haja vista, não só a possibilidade de não desaparecermos através de nossos filhos, mas também através de toda uma ordem de produções que são denotadas pelas criações humanas: junto à ciência, as artes plásticas, a literatura e outros dispositivos do gênero. Enfim, tais procedimentos coletivos e suas produções daí decorrentes, em princípio, são prova cabal de que, neste sentido, Eros sobrepujou Tanatos (Freud, 1913; 1920; 1921; 1927; 1930; 1933; 1938).

As coibições quando atuam sobre o indivíduo somado à questão do Édipo, que para Freud, também é algo que faz parte de sua história cultural, trazem à tona ainda um mal-estar. E, inclusive, aqui cabem algumas considerações acerca dessa história cultural tanto com o Édipo, quanto com a questão da culpabilidade e desse mal-estar.

Quanto ao Édipo, à questão da história na cultura humana e a culpabilidade, na obra Totem e Tabu (1913), Freud argumenta que a partir disto observamos o surgimento de uma Horda Primitiva cujo aparecimento se deu nos primórdios dos tempos. Em outras palavras, tal horda se refere a história de um pai que se impunha pela força sobre todos os demais do grupo, até que um dia seus filhos não só se rebelaram e se uniram contra ele, como também o mataram. Situam-se aqui as raízes dos primórdios da lei. A partir disto, observaremos dois movimentos

básicos: de um lado, serão formados os clãs e a lei da proibição do incesto, já que as tribos, partindo dessa horda, se agruparão e se desenvolverão; de outro também se instituirá uma lei e a culpabilidade. Claro que também nessa esteira, Freud fará toda uma análise do desenvolvimento dessas coibições, inclusive entrelaçando-a com mitos, o desenvolvimento das religiões, até chegarmos a uma fase madura do homem, na qual buscará uma explicação razoável do porquê de existir a necessidade dele se submeter às leis simbólicas e seus correlatos, que são as normas e leis dos grupos sociais, as quais, nos homens têm relação com as suas estruturas pessoais e coletivas.

A equação se dá mais ou menos assim: após o referido assassinato, os filhos, depois de um breve período de barbárie, por culpa, acabam mitificando o progenitor e adotam uma determinada lei entre eles que passa a existir em “nome do pai”. Esta acaba sendo mitificada em um animal sagrado e/ou em um totem, mas, no fundamental, funciona para que aquele grupo se estruture. Com o passar dos anos, eles o divinizam como um “pai” que está nos céus e é, também, em nome dele, daqui para diante, que passam a respeitar a lei. Resultado: isso os ajudará a se agrupar e a vencer as adversidades da natureza, inclusive as que estão dentro do próprio homem (Freud, como se viu, considera que as nossas pulsões, em certo sentido, também fazem parte da natureza). Tal momento, ainda na leitura freudiana, é uma fase de certa infância da humanidade, daí residem também às origens da religião e de todo um aparelho que nos induz, de forma generalizada à ilusão. Em contrapartida, quando entramos em uma fase de uma cultura humana mais madura, o homem trocará essa “ilusão”, pelo entendimento da ciência, ou melhor, da ciência psicanalítica. Pela explicação da ciência psicanalítica, então, verá que essa lei, que tem seu atributo simbólico, está relacionada com a questão do Édipo. Este dispositivo não só foi algo construído ao longo de sua história como também se faz necessário para o respeito do conjunto dessas leis, em nome de sua própria estruturação já que não há deuses e mesmo um Deus fora de nós. Enfim, tudo isso é uma criação humana. Na verdade, estamos sozinhos no universo e, dentro deste seu raciocínio, se há alguém que deve nos salvar, somos nós mesmos, através de nossa vida coletiva. Daí a sua proposta de superarmos esse mal-estar, que se relaciona com a culpa, que tem a ver com uma rebeldia que quer nos fazer viver apenas em função do princípio do prazer, posição essa que se realizada, impedirá de nos submetemos às coibições sociais. Desnecessário afirmar que quando nos submetemos a tais coibições, estamos também negociando a vivência

dessas nossas pulsões junto à vida coletiva, colocando-as sob o princípio de realidade (FREUD, 1913; 1927; 1930).

1.1.1- A questão do político no pensamento freudiano

Política? Que política? Além do interesse em relacioná-la com Freud, quer-se debater a política junto ao iluminismo (muitas vezes, confundido unicamente com o Estado liberal) e também pela crítica de Marcuse a obra freudiana. Tal crítica mostra que se, de um lado, o pensamento do autor da psicanálise foi ambíguo com a ordem liberal, de outro, dá-nos também elementos para que se pense a ruptura com tal ordem. Basta lembrar do conceito do “princípio de realidade”, que apesar de apontar que as pulsões precisam se submeter à ordem vigente, acima de tudo, ele é apresentado menos como uma mera fatalidade natural e mais como algo histórico. Daí a existência da questão política que precisa ser pensada e que, aqui, debateremos por dois pontos principais: - Freud, a política e o Estado liberal? - Freud e a questão histórica diante do princípio de realidade vigente.

1.1.2- Freud, a política e o Estado Liberal?

Se for possível constatar que há um tabu para falarmos da morte, existe ainda grande dificuldade, pelo menos em alguns meios psicanalíticos, em nos referirmos à questão política no pensamento freudiano⁴. Mas, independente disto, tal questão está ali, sobretudo, quando nos debruçamos em sua visão cultural e no estudo da pulsão da morte⁵.

⁴Essa dificuldade tem relação com o próprio Freud, o qual, na maioria de seus textos, pelo menos de forma explícita, evitava se manifestar sobre o “campo da política”. Mas, não é porque isso ocorre de forma velada, que ele não esteja dialogando com tal campo: mesmo até que ele tomasse o caminho de não estabelecer um diálogo com tal fator, ou seja, ainda que ele virasse as costas para todo e qualquer tipo de política - o que não é o caso, isso não significa que sua obra não estivesse, ou esteja, atualmente, isenta de tal influência.

⁵ Quanto a sua vida pessoal, é importante lembrar como Freud se posicionava a respeito: lembramos de certas vivências que ele, como cidadão, enfrentou na Europa, as quais indicam que não só era bem informado, mas também consciente de seu tempo. Por exemplo, na Primeira Guerra, em um primeiro instante, Freud, que tinha filhos que partiram para o front, chegou a dizer que “o seu coração estava na Alemanha”. Depois percebendo que havia interesses menores envolvendo as duas partes no conflito, ele e outros intelectuais tais como Thomas Mann, naquele conflito, assumiram postura considerada neutra. Esta postura, ainda aparentemente estranha para os dias de hoje, na época tinha um sentido, inclusive com certo pendor progressista para aquela cultura. De outro lado, na Segunda Guerra, em um contexto diverso, Mann, Freud e alguns outros, foram alguns dos poucos intelectuais que ousaram romper, já na primeira hora, com Hitler (Jones, 1975; Gay, 1989; Mezan, 1985; Le Rider, 2002, 2002b).

Feitas tais considerações entre Freud e o campo político, antes de o discutirmos nas suas articulações com o iluminismo e a ordem liberal, vejamos o que é a política⁶:

Política em vez de ser uma ciência, antes de tudo, é uma arte com vistas a organizar e dirigir uma coletividade humana. Desta forma, afora apresentar um conjunto de meios para problematizar e regulamentar as relações entre os homens que pertencem a um grupo social, ela pode sugerir diferentes maneiras de se governá-los, seja de modo implícito ou explícito. Enfim, tal arte, antes de tudo, indica um conjunto de práticas cuja finalidade básica é se criar à felicidade de se viver juntos (Wolf, 1991; Plon, 2002).

A razão da escolha dessa definição justifica-se: ela dá especial destaque não nas questões do poder do Estado e dos regimes possíveis que subscrevem as suas diretrizes, mas nas práticas políticas cuja concretização se faz basicamente de maneira implícita. Tais práticas, de uma parte, são implícitas menos pelo fato de acontecerem de forma “escondida” ou “conspiratória” e mais porque por se sucedem através do cotidiano, ou seja, acontecem no nosso dia a dia e quase ninguém repara e vê. De outra parte, denotam-se também por relações cujos poderes com o Estado e suas instituições se fazem presentes não de forma direta (relações formais de domínio), porém de maneira indireta. Isto significa: o poder pode acontecer entre o aparato do Estado e de suas instituições – aqui estamos falando de relações que se referem diretamente a tal aparato (relações macropolíticas); o poder pode também ocorrer através de nossas relações cotidianas. Neste particular, essas relações sofrem influência indireta do Estado e de seu aparato institucional (relações micropolíticas). Enfim, é este último caso que interessa ao nosso trabalho, pois que tratam de um acontecer diário (relações informais de domínio)⁷.

⁶ Frente à empreitada por conceituar a política, constatamos alguns fatos: em primeiro lugar, não há um consenso sobre a definição do que seja a política. Em segundo lugar, em decorrência de que há diferentes conceituações sobre o termo, algumas inclusive que se opõem radicalmente e são irreconciliáveis, obviamente trata-se de um território cheio de diversidade, mas que nada tem de neutro. Em terceiro lugar, observamos, de maneira geral, que quando os autores buscam defini-la, estão também discursando a respeito de seu próprio contexto social ou das questões interligadas a sua própria cultura, inscritas a partir de determinados valores de um tempo.

⁷ Para quem quiser aprofundar no estudo dessas relações cotidianas ou micropolíticas, entre outras obras, sugerimos as leituras: Guattari (1986); Foucault (1979); Bastos (2004).

Mas, afinal, será que Freud, ainda defendendo que a razão é comandada de outra ordem, da ordem do inconsciente, é um iluminista?

A partir de uma análise detalhada dos textos freudianos, pode-se dizer que estes caminham dentro da tradição iluminista. Tal posição é compartilhada por inúmeros estudos a respeito, dentre eles, citamos o trabalho de Rouanet (2006, 2005, 2003, 2003b, 2003c, 1996, 1986)⁸. Este autor, ao fazer a defesa de Freud junto às “luzes”, destaca: se o pensamento freudiano mostra que a razão consciente às vezes tem limites frente ao desejo inconsciente, de outro, tal fato amplia o entendimento da própria razão, de forma crítica, pois cria pontes para vermos nossa estrutura sob o domínio do inconsciente, fato que pode nos ajudar, inclusive, no combate da barbárie social⁹(Rouanet, 1987).

Iluminismo se refere ao movimento que surgiu a partir da Europa, basicamente da segunda metade do século XVIII, ou seja, trata-se de um movimento cultural amplo, o qual, além de contar com pensadores dos mais diversos países – tais como Rousseau, Voltaire, Montesquieu, entre outros, na França; Kant, J. Herder, Lessing, na Alemanha; Hume, Bentham, Adam Smith, na Inglaterra; Gianbattista Vico, Beccaria, na Itália, para citar alguns destaques significativos-, ele é considerado como o movimento do século das luzes. Em outras palavras, o Esclarecimento, como foi traduzido por alguns estudiosos, caracteriza-se por ser um acontecimento histórico que se baseia na razão, a qual é usada para ser a metáfora das luzes. Tal iluminismo, ao clarear ou esclarecer, se oporá às trevas e todo tipo de obscurantismo que dificultava o desenvolvimento humano. Com a razão, dizia-se, poderemos educar o homem e libertá-lo dos grilhões que lhe são impostos pela ignorância e superstição, evitando que se torne presa fácil de dominadores. Ela,

8 Schorske (1988), também partilha do ponto de vista de que Freud é um iluminista, ou seja, diz que ao teorizar sobre a cultura e política, antes de tudo, o texto freudiano o faz em sintonia com o espírito e os valores das “luzes”, os quais, nos fins do século XIX, se disseminaram com toque de gênio a partir de Viena. Tal movimento, além de Freud, contava com nomes significativos para o mundo: Klimt, Schnitzler, Wittgenstein, Otto Wagner, Bronstei, ou melhor, Trotski, etc. O curioso é que, afora combater movimentos bárbaros que até usavam do iluminismo e contrariavam seus pressupostos, tais intelectuais difundem esse iluminismo também o ampliam de Viena para todo o século que se avizinhava. Não foi à toa que um poeta registrou: “A Áustria atrasada, em súbito trabalho de parto tornou-se o pequeno mundo onde o grande realiza seus testes” (p. 22).

⁹ Hobsbawm (1995b), a propósito da emergência da barbárie na sociedade atual, aponta que tal fato pode se dar por dois modos básicos: “Primeiro, pela ruptura e colapso do sistema de regras e de comportamento moral pelo qual todas as sociedades regulam as relações entre os seus integrantes e, em menor extensão, entre seus membros e os de outras sociedades. Segundo, pela reversão do que podemos chamar projeto do Iluminismo (...). Este estabeleceu um sistema universal de tais regras e padrões de comportamento moral, incorporado nas instituições do Estado dedicadas ao progresso racional da humanidade: à Vida, à Liberdade e a Busca da felicidade; à Igualdade, à Liberdade e à Fraternidade, ou o quer que seja” (p. 16).

neste particular, será vista como a bandeira primordial e crítica, algo que deve guiar-nos em todos os campos da experiência (Marcondes, 1997; Chatêlet, 1974).

Diante disto, Schorske (1988) diz que há uma forte tendência para se relacionar o conceito freudiano do princípio de realidade com a ordem liberal e o seu Estado. Este princípio, ainda que seja definido e discutido adiante, por agora é um dispositivo cuja função básica é ser uma espécie de continente, através do qual fará uma série de coibições, notadamente através das leis simbólicas; isto, por sua vez, denota um processo estruturante para as pulsões primárias. Em outras palavras, para tal autor, ao apresentar sua teoria cultural, Freud mostra a impossibilidade de viver em sociedade, pelo menos na sociedade liberal de então, caso não submetêssemos essas pulsões a lei simbólica.

Quanto à relação entre Freud e o Estado Liberal, antes de tudo, há aqui duas considerações importantes: A) - mesmo que durante a vida do criador da psicanálise, Viena obteve ganhos com o liberalismo (nas artes plásticas, seja na arquitetura, nos transportes, etc.); mesmo que essa cidade, quando Freud lançava a “Interpretação dos Sonhos” e criava o conceito de Complexo de Édipo, estivesse sob a liderança de um Império decadente (e o criador da psicanálise, como homem culto, sabia disto), isto não garante a simples adesão do pensamento freudiano a tal ordem. Em outras palavras, tal fato significa que tanto Freud como outros pensadores daquele tempo, ainda apoiando o iluminismo e sua organização do Estado, em tese, eles estavam diante de um dilema, próprio dos primeiros anos do século XX que se avizinhava: deve-se apoiar um “Estado-Iluminista Liberal” ou um “Estado iluminista Marxista” (Rouanet, 2003)? Enfim, frente a tal dilema, talvez seguindo um lado conservador (conservador pelo menos aos olhos de hoje) é bem provável que Freud, principalmente pensando no desenvolvimento da psicanálise no mundo que até então vivia¹⁰, tenha optado por relacionar o ‘conceito de princípio de realidade’ e seu correlato simbólico, com a ordem vigente do Estado liberal. E, aqui, a

¹⁰ Afóra esse lado dito conservador, há textos sobre a época, tais como o de Roudinesco (1988), mostrando que Freud sofreu influências de notícias providas da União Soviética, as quais, logo após a Revolução Russa, elas não só eram antipáticas a psicanálise, como também pesaram em suas “escolhas políticas”: ali, a psicanálise passou por dois momentos básicos, ou seja, em um primeiro instante, logo após o “Outubro Revolucionário”, houve um período de aceitação e quase uma consagração, já que se pensava que essa revolução trataria também de reconstruir uma espécie de “homem novo”, fato que a psicanálise ajudaria; contudo, num segundo instante, não só houve uma virada contra tal idéia, como também a psicanálise foi banida e taxada de “ciência burguesa”, elegendo-se para seu lugar uma “psicologia fisiológica”.

hipótese de Schorske (op., cit.) é defensável¹¹. B) afora tal hipótese estar colocada, ainda assim é preciso notar, como nos aponta Châtelet (2000) que em termos do desenvolvimento das idéias políticas, há aqui um dado enriquecedor: além da dicotomia acima (Estado iluminista Liberal X Estado Iluminista Marxista), há outros tipos de Estado atuando dentro desses dois regimes (liberal/neoliberal X marxista/ socialista). Assim, para ampliar a discussão, destaquemos alguns deles: há o Estado-cientista, há o Estado-gerente, há o Estado-partido, o Estado-força, etc.¹². Partindo disto, tentando associar o tipo de Estado em suas relações indiretas com as coibições da cultura da teoria freudiana, somado também as preocupações iluministas e políticas de Freud, pensar tais questões com o apoio de Châtelet, como dizíamos, é nos depararmos com fortes indícios apontando que o criador da psicanálise teorizou sobre o “princípio de realidade” junto a um “Estado plural” , o qual é democrático e multilateral¹³. Obviamente o interesse de Freud junto à submissão das pulsões ao “princípio” em questão poderiam acontecer junto a qualquer tipo de Estado; entretanto, considerando tanto a vida pessoal de Freud, quanto suas posições humanistas, há enormes chances dele ter pensando mais em um “Estado plural” do que qualquer outro, pelo menos diante das opções postas para o seu tempo (Rouanet, 2003; Châtelet, 2000).

1.2- Freud e a questão histórica diante do princípio de realidade vigente

¹¹ Independente de Freud, em vida, ter expressado posições conservadoras, notadamente contra o marxismo, Marcuse defende, como se verá na próxima sessão, que o pensamento freudiano, de outro lado, nos dá elementos para se pensar tanto o princípio de realidade vigente como algo histórico, quanto que há condições de resgatarmos a utopia e rompermos com a sociedade do capitalismo atual, livre da exploração do capital.

¹² Isso compreende o seguinte: (a) “*Estado-Cientista*” : em tese, seria quando tal organização social desenvolve a ciência e a tecnologia a tal ponto que se vive um paradoxo macabro: observa-se a existência de um Estado menos a favor do cidadão e mais das mega-empresas transnacionais. Estas, além de terem o domínio da tecnologia e da ciência de ponta, as quais financiam, impõe seus interesses a todos e a tudo¹²; (b) “*Estado-partido*”: é uma crítica que nasceu contra o Estado Marxista governado apenas por um único partido dito de esquerda, tal como ocorria na União Soviética: tal partido, ainda que falasse em nome do interesse da maioria, na realidade, defendia apenas o interesse de uma pequena casta que usava desse discurso apenas para defender os seus objetivos. O espantoso é que para alguns estudiosos, tal como Marcuse (1982), prevendo que o capitalismo dominaria o mundo, tal como ocorreu com a atual mundialização do mercado, esses autores defendem que o atual capitalismo apresenta-se com forte tendência totalitária, a qual, pelos diferentes cantos do mundo, impõe apenas os interesses do “partido único” do mercado, (c) “*Estado-força*”: designação que foi criada para explicar os totalitarismos de direita (Hitler, Mussolini), mas que, em certo sentido, pode-se aplicar a todo e qualquer tipo de totalitarismo (Hitler, Mussolini, Stalin, etc); (d) “*Estado-Gerente*”: são os Estados que podem defender tanto o humanismo liberal quanto o social-democrata, bem como o humanismo através de um Estado de esquerda. Há, aqui, também a possibilidade de se criar um “Estado Plural”, em sua vertente social-democrata ou na luta por se gestar um “socialismo pluralista” (Châtelet, op. cit.).

¹³ Mesmo teorizando essas “idéias políticas do Estado”, com Châtelet, tal discussão não invalida a posição ambígua de Freud junto a vários pontos, a qual pode ser discutida por Monzani (1989). Tal autor defende que os principais conceitos freudianos se apresentam com características pendulares: há um pendulo entre o fisicalismo e a hermenêutica; um pendulo entre o Freud - cientista e o Freud - poeta; há também pendulo entre o Freud - liberal e o Freud - não liberal ou histórico e assim por diante.

Qual a relação da história com o pensamento freudiano? Sem negar que estamos diante de questão que pode ser abordada de vários lugares¹⁴, aqui discutiremos as mudanças históricas em Freud pelo estudo das pulsões. Em outras palavras, Marcuse (1981) argumenta que é através do estudo das pulsões freudianas e, em especial, da pulsão de morte, que se observa que há um componente histórico no pensamento freudiano, o qual nem sempre é entendido por muitos grupos, inclusive dentro da própria psicanálise, como é o caso dos revisionistas ou pós-freudianos. Este mal entendido se dá basicamente pelo seguinte: de um lado, ele é disseminado por uma negação, mormente alimentada por uma ignorância quanto ao que Freud quis dizer ou porque, de outro lado, algumas dessas posições buscando o sucesso pragmático, preferem mudar a teoria de Freud em vez de fazer uma crítica a ordem social, a qual decorre do conflito que a posição freudiana sobre a cultura traz à tona. Agindo assim, acentuando mais o aqui- agora do que a análise das pulsões inconscientes, esses “pragmáticos” ou adeptos da “psicanálise do ego”, em nome de um suposto crescimento integral (“a personalidade plena”), na realidade associam tal crescimento ao sucesso dentro da sociedade de consumo, fato que tende a asfixiar verdadeiramente a liberdade e a singularidade dos indivíduos¹⁵.

E agora já estamos bem próximos das posições sociais e políticas de Freud, as quais, antes de serem reduzidas a meras questões “técnicas”, como muitos revisionistas da psicanálise americana desejam, apontam-nos para uma polêmica cujo caráter é peculiar: o princípio de realidade vigente não é algo natural, mas histórico¹⁶. Apresentando de outro modo,

¹⁴ Discute-se a história aqui através de duas compreensões básicas: há a história da “curta duração” - instante em que, por exemplo, mata-se um presidente, dá-se um golpe de estado, enfim, acontece algo diretamente na realidade humana e muda-se o estado das coisas de maneira visível; há a “longa duração”- momento em que se faz um acontecimento nem sempre perceptível imediatamente na realidade: fato que ocorre pelo aumento da população, alguma descoberta científica e por aí afora (Braudel, 1969; Paz, 1983). Estudar Freud e a história, neste artigo, é discuti-lo pela “longa duração”, especialmente através do estudo das pulsões.

¹⁵ Nesse particular, Marcuse está se referindo aqui tanto a perspectiva de Reich quanto a da psicanálise americana. A primeira perspectiva, ainda com boas intenções em termos de mudanças sociais à esquerda, talvez por fazer uma leitura apressada de Freud, acaba reduzindo Eros apenas a sexualidade genital e, em consequência, nega a pulsão de morte freudiana. Quanto à segunda posição, que é a dos revisionistas americanos, ainda que eles defendam uma leitura “culturalista” de Freud, paradoxalmente acabam criando uma “clínica adaptadora” a ordem social americana.

¹⁶ “Ah, tal caráter histórico”, diriam esses revisionistas na leitura de Marcuse, “além de ter sido formulado em obras que não têm comprovação na realidade (vide *Totem e Tabu*, *Futuro de uma ilusão*, etc.); tal caráter tem sua base relacionada a textos que são ficções, ou seja, falam de uma história que não tem substrato na realidade – tal como a “horda primitiva” e a “pulsão de morte”. Isto até se explica dado ao lado pessimista de Freud, mas não justifica considerarmos tal conteúdo como relevante. Enfim, o relevante aqui, para esses senhores, são questões em prol da clínica e de sua técnica, mas não essa teoria freudiana, a qual, além de ficcional, traz no seu bojo essa suposta obra social e histórica” (Marcuse, 1981; Rouanet, 1986).

discutir o campo político no pensamento freudiano, é observar também que nele existe uma perspectiva histórica: particularmente quando Freud pensa a cultura, as pulsões e destaca o papel preponderante do princípio de realidade vigente. Vale lembrar que o autor da psicanálise defende que a liberdade, a autonomia sobre nosso desejo e convívio social só é algo possível de ocorrer, no caso, se nos submetemos ao conjunto de coibições sociais. Tais coibições, em síntese, tanto objetivam o recalque incidindo sobre as pulsões de Eros e de Tanatos, quanto têm como meta o fato de que, uma vez recalçadas, na melhor das hipóteses, essas pulsões podem ser expressar, mas desde que o façam submetidas à prevalência do princípio de realidade. Isto também poderia ser expresso da seguinte forma:

A civilização começa quando o objetivo primário (isto é, a satisfação integral de necessidades), é abandonado.[...] Todos os conceitos psicanalíticos (sublimação, identificação, projeção, repressão, introjeção) implicam a mutabilidade das pulsões (Eros e Tanatos) Mas a realidade que dá forma a suas necessidades e satisfação é um mundo sócio-histórico. [...] A transformação no sistema de valores pode ser assim definida [...]:

De <u>satisfação imediata</u>	para	<u>satisfação adiada</u> ;
De <u>prazer</u>	para	<u>restrição do prazer</u> ;
De <u>júbilo</u> (atividade lúdica)	para	<u>esforço/trabalho</u> ;
De <u>receptividade</u>	para	<u>produtividade</u> e etc.

(Marcuse, 1981, p. 33-34)

Isso implica, em primeiro lugar, que o pensamento freudiano mostra uma grande mudança que se dá no caminho tortuoso das pulsões: ele aponta que, em função do grupo social, ocorre a transformação do princípio de prazer no princípio de realidade. Em segundo lugar que as pulsões e o princípio de prazer (cujos valores estão escritos a esquerda da citação acima: satisfação imediata, prazer, etc.) seguem a ordem inconsciente; de outra parte, o princípio de realidade (representando por outros valores a direita da mesma citação: satisfação adiada, produtividade, etc) possui relação com a ordem consciente. Em terceiro lugar, que tal dispositivo que ajuda o homem a se agrupar, foi criado pelos homens, principalmente para responder a tal

demanda. Assim, antes de discutirmos tal função, vejamos algumas considerações em prol dessa argumentação.

Freud, ao acentuar que o inconsciente é dirigido pelo princípio de prazer, além de nos remeter para o mais primário dos princípios humanos, fala de uma fase onde todos éramos governados pelo prazer e eles eram o único domínio no processo mental. Contudo, esse princípio de prazer sem limites é incompatível com o meio social vigente: o indivíduo percebe que para evitar o desprazer (evitar a dor), principalmente para existir e conviver com o outro na coletividade, precisa abrir mão de estar exclusivamente sob a égide do princípio de prazer, ou seja, ele se submete ao princípio de realidade, pois, caso contrário, sua vida seria impossível. Assim, criam-se condições sociais e históricas para se lançar as bases do princípio de realidade. Especificamente sobre tal fato, com viú-se, no livro *Totem e Tabu*, Freud formulou a hipótese da horda primitiva, argumentando que a partir daí, o homem criará historicamente o conceito de lei simbólica até chegar aos dias de hoje.

A partir disso, como diz Marcuse, “o princípio de realidade materializa-se num sistema de instituições. Assim, vemos o indivíduo progredindo (não só) dentro de tal sistema, (mas também) aprendendo que os requisitos do princípio de realidade são os da lei e da ordem, para transmiti-los à geração seguinte” (Marcuse, 1981, p. 36).

O espantoso é que essa metamorfose do prazer primário para o “prazer parcial” que se dá sob o princípio de realidade a partir do teatro da história, tal mudança está também relacionada à transubstanciação desse prazer para outras áreas que ele organiza, colocando-as a serviço da organização social vigente¹⁷. Em outras palavras, se de um lado, a passagem para esse “princípio de realidade” ajuda o homem para ser “menos pulsão primária” e “mais razão”, de outro, é preciso pensar que tipo de racionalidade lhe é imposta, pois que, em nome do respeito aos limites sociais, talvez ele tenha que pagar um preço cujo resultado é ser um eterno prisioneiro de frações mais obscuras do humano. Não que Marcuse esteja contra esse processo como um todo, ele faz críticas aqui, sobretudo, ao perigo de se reduzi-lo apenas ao “princípio de desempenho”, que se desenvolve em favor menos de uma estrutura do homem e mais para um

¹⁷ “Com o estabelecimento do princípio de realidade, o ser humano que, sob o princípio de prazer dificilmente pouco mais seria do que um feixe de impulsos animais, (agora), converte-se num ego organizado. Esforça-se por obter “o que é útil” e o que pode ser obtido sem prejuízo para si próprio e para o seu meio vital. Sob o princípio de realidade, o ser humano desenvolve a função da razão: aprende a “examinar” a realidade, a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial [...]. Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado com uma racionalidade que lhe é imposta de fora” (Marcuse, op. cit., p. 35).

modelo em prol da ordem hegemônica, através da “mais repressão” (= excesso de repressão). Desnecessário apontar que tanto o “princípio de desempenho” quanto o “excesso de repressão” fazem apropriação de uma parte do pensamento freudiano em prol da ordem do capital atual¹⁸.

Diante desse quadro, além de mostrar que a teoria freudiana é principalmente uma psicologia social, trazendo à tona um componente histórico pelas pulsões, há aqui dois fatos relevantes a serem destacados: 1º- a luta pela liberdade se dá também na psique do homem; 2º - tal luta, neste momento, tende a repetir uma história de opressão, mas, por mais paradoxal que tenha sido Freud acerca disto, sua teoria não elimina a possibilidade de reverter esse procedimento, criando, como se verá adiante, um novo princípio de realidade.

2- Marcuse, a cultura e o pensamento freudiano: leitura entre as pulsões e o resgate da utopia

Para Adorno (1991)¹⁹, os autores dignos de serem citados são os que se revoltam contra a mera citação, ou seja, ainda cientes de que trazem idéias que não podemos prescindir, eles não gostariam de ser lembrados sem que também fossem recriados junto de outros tempos, pois que, assim suas obras continuariam férteis ao longo da história.

Seria este o caso da leitura de Marcuse junto a Freud?

Segundo Marcuse, além de observarmos certa ambigüidade junto à ordem, a psicanálise criada por Freud traz uma denúncia radical frente à sociedade mundializada. Tal denúncia está sutilmente expressa, por exemplo, no conflito interminável entre a teoria das pulsões e as intenções terapêuticas. Ou seja: de um lado, essa teoria admite que a felicidade individual apresenta-se como um fato insustentável, dado a uma série de renúncias frente às coibições sociais; de outro, a “clínica analítica” visa que o paciente transite razoavelmente produtivo, vamos dizer assim, na mesma sociedade em que os mecanismos coercitivos também causam a neurose. Ora, frente a tal situação, pelo menos para Freud, está aqui criado o impasse que não se resolve e deverá ficar em aberto.

¹⁸ Enfim, diante disto há uma espécie de “captura” das pulsões ou da produção desejante do indivíduo em prol da instrumentalidade da ordem, ou seja, deve-se, sob qualquer hipótese se renunciar em favor do que é “útil” e é produtivo para a sociedade atual (sociedade de consumo), fato que são restrições, no mínimo bem estranhas à gratificação pulsional.

¹⁹ Ver no livro citado, particularmente o capítulo segundo, de título: “Caprichosos Bibliográficos”.

Essa questão é tão significativa que às vezes fica patente, como se viu, a crítica contra os culturalistas (berço da psicanálise americana), ou seja, diante desse impasse, a referida “escola” acaba tentando resolvê-lo apresentando uma “clínica adaptadora” a ordem estabelecida, o que é um fato insustentável (Marcuse, 1981; Rouanet, 1986).

Ao tratar do referido problema, sem dúvida, Freud se agiganta, principalmente porque não faz concessões em suas posições teóricas para compatibilizá-la com a clínica:

O compromisso entre essas duas direções contraditórias se exprime em Freud, no relativo pessimismo com que encara o resultado do tratamento. Em vez de afirmar, idealisticamente, que a terapia bem sucedida conduz a um ‘happy-end’, em que o indivíduo plenamente realizado poderá ser feliz dentro da sociedade existente, Freud confirma que esse ideal de felicidade é inatingível, e o máximo a que a psicanálise pode aspirar é “transformar a miséria histórica em infelicidade banal”, que é o destino comum da humanidade (Rouanet, op.cit., p. 218-219).²⁰

2.1- Marcuse e a crítica ao princípio de realidade vigente

O que é o princípio de realidade? Freudianamente falando, ele é principalmente o princípio de renúncia produtiva, a qual aponta o desenvolvimento de um sistema de todas as transformações das pulsões. Na realidade, trata-se de um princípio de todas as renúncias (sublimações, substituições, etc.) que a organização social nos cobra, de maneira que nos transformemos de mero portadores do princípio de prazer à instrumentos de trabalho socialmente utilizável.

Neste sentido o princípio de realidade é idêntico ao princípio do progresso, pois só por meio do princípio de realidade repressivo é liberada

²⁰ Para Marcuse, diante desse impasse, falamos também de um paradoxo freudiano, o qual se traduz da seguinte maneira: de um lado, o analista é uma espécie de psicopedagogo em relação à ordem e, assim, a saúde mental aqui é sinônima da competência para adaptar o paciente a realidade existente – fato que Freud se opõe. De outro lado, tal paradoxo também aponta que há conteúdos incompatíveis com a ordem e, neste caso, a psicanálise poderá produzir, no mínimo, “outsiders” no que toca ao domínio unidimensional, ou seja, referimo-nos aqui a líderes ou as pessoas divergentes, as quais são os ‘desadaptadas’, mas que possuem um grande potencial criativo em relação ao rebanho reinante, e assim por diante.

energia pulsional para o trabalho desprazeroso, para o trabalho que se aprendeu a renunciar e a rejeitar os desejos das pulsões, e que apenas assim pode tornar-se e permanecer socialmente produtivo

(Marcuse, op. cit., p. 108)

Vale lembrar aqui que ao interiorizarmos a “lei”, que se traduz pela hegemonia e pelo existir sob o domínio do princípio de realidade, estamos também diante da transformação repressiva de Eros (que se iniciou com a proibição do incesto, que se deu a partir do início da infância à superação propriamente dita do complexo de Édipo), resultando na interiorização da autoridade paterna. Apresentando de outro modo, a partir deste ponto vemos que Eros está se submetendo a um processo de modificação essencial: ele, agora sob o princípio de realidade, está se transformando em sexualidade²¹.

Nessa parte existe algo importante a ser ressaltado: sobretudo, em sua origem Eros é mais do que sexualidade, basta recordar que sob o princípio de realidade, ele se encontra agora como uma pulsão parcial. Assim, tal fator é uma força que se destaca em toda organismo, mas, neste instante, essa força está sob um princípio que lhe faz modificações significativas: de um lado, por exemplo, sobressai-se o fato de que passa a estar a serviço da reprodução e se localiza como sexualidade. De outro lado, a referida transformação exige uma “dessexualização” do organismo, de maneira que permita transformar o princípio do prazer, em possível instrumento de trabalho.

O sinistro é que com essa desvalorização da felicidade e da satisfação pulsional, ou melhor, diante da subordinação do princípio de prazer à satisfação aceitável dentro do grupo social – sinônimo aqui de se submeter ao princípio da realidade-, ainda que tal procedimento se justifique para a sobrevivência humana, os poderes constituídos lançam mão desse princípio para associá-lo ao desempenho em prol da sociedade de mercado, como se esse “desempenho” fosse

²¹ Roudinesco (1988), a propósito, baseando-se em Jones, afirma que Freud não gostava de receber como pacientes “os criadores” (artistas, poetas, escritores, músicos, etc.), já que eles tendiam a escolher viver sob o princípio de prazer; contudo, a própria Roudinesco constata que há exceções em tal regra: Freud foi o analista de Gustav Mahler. Mas será que podemos sustentar tal hipótese? Sobre tal polêmica sugerimos a leitura de MONZANI (1986). Neste livro, além de apontar que há vários Freuds, os quais tanto do ponto de vista teórico, quanto clínico vão se apresentando e se modificando até a sua morte; afora mostrar que é principalmente em tal movimento que está uma das grandes riquezas do texto freudiano, pois cada “Freud” necessita ser contextualizado na obra como um todo, enfim, Monzani sugere que se leia o “criador da psicanálise” evitando generalizar as possíveis contradições que vez por outra aparecem, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista clínico.

algo da própria natureza, a qual o homem histórico não pode modificar. E é esta última parte desse processo de captura que Marcuse critica.

Quanto ao processo de metamorfose repressiva da pulsão da morte²², observa-se que ela também se inicia sob a proibição do incesto. A partir disto, a pulsão de tanatos se apresenta útil para o grupo social de duas maneiras básicas: 1ª) *dirige-se para “fora”* e se denota como uma pulsão destrutiva, mas de utilidade pragmática e social: aqui a terminalidade dessa pulsão apresenta uma peculiaridade, ou seja, ela deixa de ser a aniquilação da própria existência do sujeito e foca na destruição de outra vida – seja ela humana ou não. Isto significa, em síntese, que se pode destruir a natureza em prol da dominação e de um suposto crescimento e também o outro humano. Este passa a ser considerado aqui como alguém que é ‘perigoso’, principalmente porque é designado como “inimigo”, “diferente” ou “estrangeiro” frente a hegemonia do momento; 2ª) a pulsão de tanatos é dirigida agora *para “dentro”*: neste momento ela passa a ser utilizada como energia que pode aniquilar em defesa tanto da moral social quanto da consciência moral do sujeito, que tem sua sede no Super-Ego e faz imposições ao Ego, influenciando as programações e exigências do princípio de realidade em prol dessas imposições. Traduzindo: aqui a pulsão de morte voltada para “dentro”, tem a função primordial de que, através do Super-Ego, ela possa agredir e aniquilar o que ameaça a destruir “o pacto em prol da ordem”.²³

2.2- Marcuse e a construção de um novo princípio de realidade

Se, parafraseando Hölderlin (1991), a poesia é grande aliada para tomarmos contato com o que há de maior no sentimento do homem, já que pela sua própria impossibilidade, tal fato ficou apenas no poema; até que ponto não existe outras criações, tal como a psicanálise freudiana, as quais podem exercer a mesma função a favor do humano, especialmente com vistas à construção de nossa emancipação pessoal e coletiva?

Tendo em conta que, para Marcuse, a psicanálise pode ser um dos grandes dispositivos que auxiliam o homem no objetivo de construir a sua utopia, ele se volta para Freud,

²² Se estudar o princípio de realidade é nos depararmos com a pulsão de Eros e de Tanatos, como já debatemos Eros, passemos agora para Tanatos.

²³ De uma parte, a resultante da transformação social da pulsão de morte é a destrutividade: sob forma de agressão útil (tanto para com o diferente ou com inimigo, quanto para com a dominação da natureza). De outra parte, como agressão moral, concentrada na consciência moral, sob forma das exigências da moralidade contra o id, a destrutividade representa aqui fator cultural indispensável” (Marcuse, op. cit).

sobretudo, buscando tal objetivo, especialmente partindo de duas indagações: 1^a) *Por que, até então, as revoluções fracassam?* 2^a) *Quem é o sujeito social na atualidade?*

Considerando que essas perguntas apontam para um fracasso (as revoluções até agora não foram exitosas; a classe operária, para Marcuse, está cooptada a ordem do capital), tais indagações lhe levam para uma questão que o acompanhará até o seu fim, ou seja, ainda que sejam relevantes as análises políticas e econômicas do macrossocial, para desvelar esses dois fatos, faz-se necessário perceber: além de sofrer influência significativa do “terminador histórico-social”, para se entender verdadeiramente as razões das ruínas das “revoluções que sucumbem” e da discussão do “sujeito histórico” há também que se considerar a importância do “terminador psíquico”:

A abordagem freudiana pode e deve entrar nessa teoria (teoria, a qual, somada a de Marx, pode nos ajudar a fissurar o capitalismo), pois abriu uma dimensão no que se refere à determinação social do ser humano que, em grande parte, havia ficado à margem na teoria marxista. Freud mostrou quão profundamente as relações sociais são reproduzidas nos próprios indivíduos e através dos indivíduos, quer dizer, a própria sociedade co-determina em alto grau a estrutura pulsional dos indivíduos (Marcuse, 1999, p. 109-110).

Infelizmente a história nos mostra que alguns insurgentes, após a derrubada do poder, ao assumi-lo, quem sabe se identificando tanto com o “esquema autoritário” anterior, acabam reproduzindo-o de uma maneira igual ou pior. Daí que, em tese, o suposto “sujeito histórico”, no poder, termina sendo não aquele que traz verdadeiramente a emancipação e sim a reprodução do “velho domínio”, independente de se ter ares de “novo” e quaisquer outros slogans ditos progressistas. Assim, o filósofo, apoiando-se em Freud, defende principalmente que a dominação se dá também pelo território “interior” ou pelas partes que são “interiorizadas”: tal fato urge ser repensado pela análise de uma subjetividade política e não propriamente por uma “psicologia” ou mesmo por um tipo de “psicanálise pós-freudiana”, as quais, negando as repercussões políticas, estéticas e éticas do problema freudiano da cultura e da pulsão de morte, em vez de nos dar elementos para pensarmos um novo princípio de realidade, tais disciplinas

tendem simplesmente a reproduzir a ordem, mantendo a dominação (Marcuse, 1981, 1999, 2001; Loureiro, 2010).

Para refletir sobre essas questões que, entre outros fatos, nos aponta que se está diante de “sujeito social ineficaz”, o qual não consegue mais, pelo menos diante do contexto do capitalismo atual, levar a cabo as mudanças históricas, Marcuse (1999) vai repensar tal fato a partir da proposta de se resgatar a utopia através da criação de outro princípio de realidade. Esta proposta, além de estar apoiado na teoria freudiana, pode ser discutida a partir de quatro pontos principais, que serão desenvolvidos a seguir.

2.2.1- A criação da subjetividade rebelde

Neste ponto, pelo menos teoricamente, Marcuse aponta que há condições de se criar outro princípio de realidade, principalmente se inspirados em Freud, começarmos concretamente a produzir uma subjetividade rebelde; contudo, tal procedimento só será possível se emprendermos um combate, sem tréguas, a “mais repressão”²⁴ e ao “princípio de desempenho”, fatores que já vimos anteriormente (ver “1.1.2”). Além disto, para que ainda se crie a referida subjetividade é também necessário a luta contra o “homem unidimensional”, fato que debateremos adiante.

2.2.2- A emancipação e o combate ao “trabalho alienado”

Além de ressaltar que há três pilares básicos que subjagam a consciência aos interesses da ordem (conceito de “mais repressão”, “princípio de desempenho” e “trabalho alienado”), sem a libertação deste último é impossível se criar qualquer emancipação social, quiçá um novo princípio de realidade. Por quê? Ora, afora a crítica de que se trata da “espinha dorsal” que sustenta a escravização das consciências, aqui, sobretudo, cabe pensar: se já há condições de desfrutarmos os ganhos de uma “sociedade do tempo livre”, então também está na hora de se empreender todos os esforços pelo fim do “trabalho alienado”. Eis o ponto chave, para Marcuse, em prol de sociedade socialista; enfim, ele é o segundo passo para se entender o objeto

²⁴ Tal conceito, além de ter sido formulado por Marcuse em sua leitura freudiana sobre a cultura, em síntese, quer marcar uma diferença com o “conceito de recalque” ou de “repressão”: se, para Freud, a “repressão” tem sua utilidade na estrutura do indivíduo, com vistas a que ele se submeta as regras básicas do “contrato social”, de outro lado, a “mais –repressão é, sobretudo, quando esse mecanismo de coibição social é elevado ao extremo, menos como uma necessidade para nos estruturarmos e mais para defender interesses de empresas no capitalismo mundializado, preparando cada indivíduo para se assujeitar as regras do lucro sem limites.

da grande recusa, que nos aproxima bastante da concretização de um novo princípio de realidade (Marcuse, 1981; Loureiro, 2010, Pisani, 2004, 2006; Magalhães, 2010)²⁵

Isso seria possível, hoje, onde a automação e os avanços tecnológicos são postos apenas a serviço do capital, asfixiando-se qualquer diferença frente ao “consenso” da “Globalbarbarização”? Uma das “saídas” principais favoráveis a tal superação, para Marcuse, é o combate a visão “unidimensional” da vida, debate do próximo ponto.

2.2.3 - A luta contra o “homem unidimensional”

Tal homem, que é uma espécie de modelo fundamental da ordem, tem relação e se expande consensualmente não só pelo território do econômico, do político, do cultural, tecnológico, científico, mas também pelo do subjetivo. Sinistramente, talvez por estar por entre os espaços objetivos e subjetivos primordiais que transitamos, na atualidade essa “unidimensionalidade” em prol do mercado parece estar em todos os lugares e em lugar algum. E o pior: considerando que tal maneira única de pensar se opõe a qualquer tipo de resistência e a criação das mínimas rupturas, Marcuse aponta que se está diante de uma sociedade sob os auspícios do “partido único do mercado”, a qual se mostra por forte tendência totalitária. Apresentando de outro modo, “o homem unidimensional”, independente de avançar por um “modelo” visível ou não, será a questão primordial para tudo e todos: qualquer atitude, pensamento, desejo, ação que se mostrar diferente ao modelo vigente, imediatamente será combatido, posto à margem.²⁶

²⁵ Isso implica que pôr em questão e rediscutir a automação e os avanços tecnológicos da atualidade é principalmente avistarmos, pelo menos do ponto de vista teórico, a discussão de “pouco trabalho” e um “maior tempo livre”, fato que certamente nos levará para o fim do “trabalho alienado”. Em outras palavras, neste ponto, além de se inspirar em Freud, Marcuse esta agora trazendo Marx à baila de discussão, apontando que, mais do que nunca, vive-se atualmente sob uma época em que teríamos condições realizar uma sociedade diferente da do capitalismo, ou seja, ele se refere a uma organização societária na qual o trabalho em vez de ser um mero canal para valorizar cada vez mais o capital, teria como objetivo principal priorizar a realização das potências e a satisfação das carências dos homens: “A abolição do trabalho alienado permitiria investir a libido no trabalho – que se tornaria assim trabalho lúdico – e nas relações sociais, o que transformaria a vida num jogo estético/erótico em que os sentidos humanos não seriam moldados pela forma mercadoria. Numa sociedade sem repressão das pulsões a gratificação erótica seria inerente a toda vida social e ocorreria a reconciliação entre os seres humanos e a natureza, a qual deixaria de ser mera matéria que o homem pode explorar ao seu bel prazer” (Loureiro, op. cit., p. 5).

²⁶ Nunca é demais repetir que é em cima da análise desta “unidimensionalidade” que o capitalismo atual se apresenta com grande pendor totalitário, “cooptando” até os que se dizem oposição. Quanto a tal “cooptação”, há um detalhe: tal oposição não é destruída de forma frontal: ela de forma sutil é mantida aparentemente como “viva e ativa”; contudo, em tese, ela passa a falar, desejar, pensar e agir de acordo com os pressupostos do “homem unidimensional”, ou melhor, da sociedade do mercado.

O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz “vendem” ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transportes e comunicação em massa, as mercadorias [...], a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores, e através destes, ao todo. Os produtos doutrinam e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem [...] à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes [...]. Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais (Marcuse, 1982, p. 32)²⁷

2.2.4 - O resgate da utopia: a pulsão de morte a serviço de Eros

Quanto ao resgate da utopia²⁸, quarto ponto importante na discussão em questão, pode-se afirmar que ela tem relação direta com a criação de um novo princípio de realidade²⁹.

A partir disso, discutamos o que significa um novo princípio de realidade e o seu grau de importância para Marcuse, fato que se entrelaça na busca de seu objetivo maior. Para

²⁷ Esse “reino”, além do apoio do materialismo, conta ainda com o apoio dos espiritualistas, metafísicos e até muitos movimentos boêmios. Tais movimentos são admitidos, desde que se “encaixem” no “homem unidimensional”. Assim, vemos muitas religiões atuando como verdadeiras grifes e incentivando os seus adeptos não só a conquista da felicidade na sociedade de consumo, como também agindo pelo “pensamento positivo” e empreendedor das megacorporações. Quanto à boemia, ela é excelente nicho para os negócios, principalmente para a “indústria do entretenimento” (se ela pode conduzir a morte ou a ruína de muitos, de outro lado, caso não se afaste desse nicho, não será excluída desse reino). Enfim, aqui, qualquer movimento, esteja até em oposição ao “modelo” será bem vindo, mas jamais deixará de endossar outra máxima absurda da ordem: “Conhecereis os negócios e ele vós libertarão!” (Marcuse, 1982, 2001; Adorno, 2002).

²⁸ Utopia, para Marcuse, não é algo que fica apenas no mero plano dos sonhos: em tal autor há a busca dos sonhos mais doces, mas eles devem ser analisados para que os realizemos no plano das possibilidades concretas. Tal procedimento fala, antes de tudo, da “transmutação radical das necessidades, da transmutação radical de valores, quer dizer, da possibilidade de uma sociedade sem violência, sem exploração [...] na qual não só a consciência como também os sentidos humanos sejam emancipados (Marcuse, 1999, p. 110-111). Enfim, talvez “esse resgate” pudesse ser expresso em uma paráfrase de Paulo Freire, que nos diz: “Ai dos intelectuais que não ousam lutar por transformar seus sonhos ditos impossíveis, em fatos possíveis.”

²⁹ A construção desse novo princípio na obra do filósofo só terá chances de se concretizar se for pensado junto à elaboração simultânea de outros pontos importantes, dentre os quais, neste artigo, estão sendo desenvolvidos pela análise da “mais repressão”, do “princípio de desempenho”, do “trabalho alienado” e da crítica contra o “homem unidimensional” (Marcuse, 1981; 1982, 1999, 2001),

tanto vejamos: no seu livro “A grade recusa”, particularmente no capítulo “Ecologia e crítica da sociedade moderna”, diz-nos que o seu objetivo principal sempre foi a mudança radical da sociedade, de maneira que, em função disto, Freud foi um dos autores que mais lhe auxiliou. Tal apoio se deu, sobretudo, através da teoria das pulsões no seu entrelaçamento junto ao princípio de realidade. Quanto às pulsões, como vimos, elas são constituídas, de um lado, pela “pulsão de Eros” (pulsão erótica ou de vida), de outro, pela “pulsão de tanatos” (pulsão de morte cujo impulso preponderante é a agressividade e destruição da vida). Ambas as pulsões, afora inconscientes e obedecerem aos impulsos primários, funcionam caracteristicamente fora da lógica usual: elas, antes de tudo, buscam se realizar pelo prazer e evitam todo e qualquer desprazer. Em termos do princípio de realidade, que também lhe foi promissor para a busca da mudança radical na sociedade, diz ainda o filósofo, Freud contribui por se tratar de um conceito vital, que é compreendido da seguinte forma: ”O princípio de realidade pode ser simplesmente definido como a soma total daquelas normas e valores que supostamente governam o comportamento normal numa sociedade estabelecida” (Marcuse, 1999, p. 144).

Isso, obviamente, tem algumas implicações. Dentre as principais, destacamos: 1ª) se Marcuse quer mudar a sociedade e tal fato é sinônimo de transformações profundas nas estruturas “não só nas instituições e nas relações fundamentais de uma sociedade estabelecida, como também na consciência individual em tal sociedade” (op. cit., p. 144), o novo princípio de realidade só eclodirá se houver a preocupação em transformar a consciência individual. Nunca é demais apontar que tal compreensão é de suma importância, particularmente para se entender o modo como o homem funciona no seu dia a dia, já que ao estudarmos isso – fato que para certos autores é território do micropolítico (Guattari, 1981) – obtém-se elementos para compreender tal objeto; 2ª) Para que se crie um “novo princípio” é necessário fazer a crítica do caráter destrutivo entre os indivíduos, pois que, na interação, eles se subscrevem e também são subscritos por esse mesmo caráter. Tal caráter, além de estar disseminado na própria sociedade do capitalismo atual, traduz-se por tendência destrutiva, observada por muitos gestos, eventos e outras ações diversas, ou seja, caso ela não seja coibida pode destruir tantos esses indivíduos quanto a sua organização social. Em outras palavras, qualquer proposta que se proponha a pensar outro “princípio de realidade” precisa considerar tal crítica, a menos que se queira avançar por tal caminho de forma irresponsável, que não é o caso de Marcuse; 3ª) neste ponto, Marcuse argumenta que, pelo menos especulativamente, pode-se reverter à tendência da destrutividade da pulsão. Como? Em primeiro

lugar, entendendo que ela não busca realizar-se necessariamente no aniquilamento: ela tem um fim que, até agora, resulta nesse aniquilamento; contudo, seu objetivo não é o fim em si mesmo. Na realidade, tal aniquilamento poderá ser evitado, se conseguirmos colocar a pulsão de morte a serviço da pulsão de vida. Apresentando de outro modo, se tanto a pulsão de Eros quanto a de Tanatos buscam fugir do desprazer; se a meta da pulsão de destrutividade sempre foi reduzir a tensão, ela tenderia a perder a sua força diante da situação pela qual a tensão se reduzisse, ou seja, caso estivéssemos sob a hipótese do predomínio de uma vida mais prazerosa, menor seria a possibilidade de o impulso de destrutividade agir querendo destruí-la. Diante disto, ao contrário, maiores seriam as chances da pulsão de tanatos ser posta em prol de Eros. Por mais paradoxal que possa parecer, diante do problema das pulsões, em síntese, o embate entre a morte e a vida tende a reduzir-se em função da vida caminhar realmente em direção ao estado de satisfação. A partir daí, defende Marcuse, estaríamos também frente às bases para se resgatar a utopia, pensando-a por um novo princípio de realidade³⁰.

Marcuse faz a leitura de Freud e de tanatos na melhor tradição do “Instituto de Frankfurt”: pensando a vida pela pauta da reerotização “não repressora” (fora da “mais repressão”), a morte não deve necessariamente imperar, tanto na relação entre os homens, quanto entre os homens e a natureza. Fazendo uma crítica a Reich, o mais rebelde dos “pós-freudianos”, tal fato exigiria, ao contrário, uma reerotização de Eros por todos os campos da vida e não apenas, como diz o referido rebelde, na busca prioritária do orgasmo pelos órgãos genitais. Ao contrário, seria, usando de uma metáfora, uma reerotização de Eros que apontasse mais para o “perverso polimorfo”. Assim, como diz Marcuse, se “a destrutividade é o resultado da vida não vivida”, não só se teria prazer por todas as áreas da vida, como também Eros se libertaria de viver preso apenas a sexualidade genital.

Conclusões

³⁰ Assim, não é à toa que alguns autores, entre eles, JAY (2008, p. 159), argumentam que Marcuse, especialmente no livro “Eros e civilização”, destaca-se como um dos poucos estudiosos que compreendeu a verdadeira natureza de tanatos na obra freudiana³⁰, ou seja, ele percebeu que o objetivo principal da pulsão de morte “não era o término da vida, mas o da dor- a ausência de tensão”, quer dizer, a meta básica dessa pulsão “não era a agressão, mas o término da tensão que era a vida” (o tipo de vida que até então estávamos ou estamos submetidos sob a regência atual do “homem unidimensional”).

(1ª) Freud, ao formular a sua teoria cultural, assinala que o homem só poderá sobreviver se submeter as suas pulsões às coibições sociais (as quais se iniciam com a lei Edípica e tendem posteriormente a ser reeditadas em outras instituições sociais a partir de identificações a figuras de autoridades); ao tomar tal procedimento, antes de tudo, Freud não só caminha em direção a uma psicologia social, como também põe a psicanálise no patamar das grandes teorias. Enfim, *esta primeira conclusão* mostra que a teoria freudiana se propõe a explicar que o desenvolvimento e a socialização do humano não só problematiza a dita personalidade e a cultura por entre as questões das pulsões e as coibições sociais, como também chama a atenção que tais questões não se resolvem por saídas da ordem individual. Daí que nos vemos diante de um mal-estar humano que continuará interminável.

(2ª) *A segunda conclusão* trata da discussão da tanatologia na obra freudiana através do debate das pulsões, ou seja, para Freud, além de trazermos em nossa constituição a pulsão de Eros e a pulsão de Tanatos, as quais obedecem à ordem inconsciente e ao princípio de prazer, há aqui um detalhe: a primeira pulsão tem forte pendor para nos agregar e grande potencial para que se possa deixar legado criador para sociedade (através da arte, da ciência, dos filhos, etc.); a segunda, ao contrário, mostra forte tendência para a desagregação e, caso não se submeta devidamente às leis e normas da cultura, destruirá a nós e ao outro. Diante disto, cria-se um dilema para o humano: Freud chega a afirmar que “individualmente o homem é inimigo da vida coletiva”, ou seja, para que possa conviver socialmente terá que renunciar parcialmente a sua pulsão e se submeter às coibições da vida coletiva, sinônimo aqui da submissão ao princípio de realidade. Este, ao contrário do princípio do prazer, é regido pela vida racional e consciente. O “problema”, como defende o autor da psicanálise, é que, mesmo sendo recalcada, a pulsão de morte, denotando-se por atitudes agressivas e destrutivas, acaba vencendo e, no fim das contas, concretamente, todos morremos. Esperança há aqui, menos nas realizações das pulsões individuais plenas e mais em as submetermos ao princípio de realidade vigente, pois que, através de Eros, podemos deixar nossa contribuição através da cultura.

(3ª) *A terceira conclusão* trata especificamente da discussão da pulsão de morte freudiana, traduzindo-se pela implicação de alguns problemas: 3.1- o primeiro aponta que é impossível pensá-la de fora das coibições sociais (com seu correlato simbólico e não simbólico) e também da influência histórica e política da ordem sobre cada sujeito: discutir essa pulsão e suas implicações com a ordem, antes de tudo, é nos deparar com um impasse que o próprio Freud

deixou em aberto e, em decorrência disto foi acusado de pessimista. Em outras palavras, a partir dos textos de sua obra social, ele diz que a análise não tem fim e está diante de um dilema: de um lado, cria sujeitos “adaptados” à ordem que ela mesma recalcou ou, de outra feita, estimula o surgimento de uma “subjetividade rebelde”. Neste último caso, os clientes submetidos à análise não seriam bem inseridos, viveriam como uma espécie de *outsiders*, os quais, ainda que respeitassem a lei, sempre que necessário, mudariam ela e a sociedade. Ora, como tal fato nem sempre é permitido, tanto na situação de “adaptados” quanto na de “*outsiders*” o impasse estaria criado, ou seja, é por isto que a “análise é interminável”; 3.2- diante disto, alguns pós-freudianos, tais como os culturalistas (adeptos da psicanálise americana), negando as implicações da pulsão de morte, talvez para fugir da crítica a ordem social, acabam fazendo uma “psicologia do ego”, que é fundamentalmente uma “clínica adaptadora”; 3.3- essa pulsão implica-se com um político no pensamento freudiano, que não só foi desenvolvido neste artigo, como também, em síntese, apontou: se, de um lado, há autores, tais como Schorske (1988), que pensam que Freud criou uma teoria cultural implicada com a ordem do Estado Liberal, de outro, há os que defendem que é um grande simplismo pensarmos assim, tal como se verá no próximo ponto de conclusão.

(4ª) Trata da discussão do pensamento freudiano pela leitura de Marcuse (1981, 1982, 2001), a qual pode ser debatida por um conjunto de pontos importantes: 4.1- afora haver uma ambigüidade entre Freud e o Estado liberal, a ordem que ele se refere não se reduz necessariamente a tal fator, mas também se aplica, entre outros exemplos, de um lado a um estado pluralista - que lembra muito o estado de “bem estar social” (Châtelet, 1974), de outro, além disto, nos dá ainda elementos para que se caminhe rumo à utopia, construindo um novo princípio de realidade (Marcuse, 1981); 4.2- Vale lembrar que quando Freud defendeu as coibições sociais em prol da cultura, havia algumas sociedades sob a escassez e tal fato foi feito mais função disto do que da rubrica da distopia. Hoje, principalmente com o advento da automação e dos ganhos tecnológicos, a escassez não só é algo superado, como também a defesa do recalque pode ser repensada de outra maneira. Obviamente para a ordem atual tal procedimento tem outro sentido: esses ganhos são postos a serviço do lucro desmedido em detrimento do humano. Enfim, diante deste quadro Marcuse argumenta que para evitarmos que tais “coibições” sejam usadas pura e simplesmente em favor da “mais repressão” e do “princípio de desempenho” prejudicando o próprio homem, atualmente, existe a possibilidade de nos opormos a isso e também criarmos outro princípio de realidade; 4.3- um dos fatos que mais

dificulta a criação deste “novo princípio” reside na superação do conceito de “mais repressão” e do “princípio de desempenho”, os quais capturam os indivíduos para a ordem e também rubricam o trabalho alienado. Apresentado de outro modo, se os referidos ganhos da automação e da tecnologia beneficiam mais o mercado do que o bem estar humano, isto, para Marcuse, se traduz: em primeiro lugar na transformação sutil dos conceitos freudianos em prol da ordem do consumo (o “recalque” passou a ser a “mais-repressão”, o princípio de realidade tornou-se o “princípio de desempenho”); em segundo, quando o princípio de desempenho consegue fazer que todos os indivíduos vejam o trabalho como a sua única fonte de prazer, aqui não só se está aprisionando Eros ao princípio de desempenho, como também estamos sob o império do trabalho alienado. Enfim, se queremos criar um novo princípio de realidade, antes de tudo, é preciso combater esses dois conceitos e libertar o homem do trabalho alienado.

(5ª) Esta conclusão levanta, pelo menos do ponto de vista especulativo, a proposta de se criar um novo princípio de realidade, ou seja, aqui, Marcuse argumenta que se está vivendo um momento no qual poderíamos aproveitar dos ganhos do capitalismo avançado e modificarmos totalmente a ordem, tanto abolindo o “trabalho alienado” em prol do “trabalho livre”, quanto resgatando a referida utopia. Então, diante disto, para que realmente pudéssemos caminhar para uma sociedade diversa a do capital, ele sugere que construamos tal caminho a partir de alguns pontos reflexivos: 5.1- além de estimular uma subjetividade rebelde a partir dos grupos institucionais, quem sabe criando uma política contra-institucional; afora o combate sem tréguas ao conceito de “mais repressão” e também do “princípio de desempenho”, os quais dificultam a libertação do trabalho livre; a despeito de tais fatores importantes, não conseguiremos criar um novo princípio de realidade se desconsiderarmos o combate ao “homem unidimensional”³¹. Este é um dos combates mais importantes para que possamos construir um novo princípio de realidade; 5.2- além disto, outro problema que dificulta tal objetivo é tentar pensar a pulsão de destrutividade, só que colocando-a a serviço de Eros e não de Tanatos. Em outras palavras, baseando-se em Freud, Marcuse aponta que a pulsão de morte não é um fim em si mesma, ou seja, considerando que ela quer, antes de tudo, se livrar da dor ou do desprazer e não propriamente destruir pura e simplesmente, desta maneira, diante da hipótese de, se for o caso,

³¹ O “homem unidimensional”, como vimos, além de poder se referir basicamente a um modo de vida “unânime” criada pelo partido único do mercado (diz de uma forma de pensar, de ver, de sentir, de trabalhar, etc., sempre a favor e exclusivamente em prol de tal ordem), tal conceito, no caso, já foi discutido anteriormente.

conseguirmos criar uma vida mais prazerosa, em vez dela ser inimiga da vida, como o quadro está diferente, ela pode agora ser posta a serviço de Eros e, assim, estamos próximos a possibilidade de se criar o novo princípio de realidade.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____. *Freud et la politique*. Paris; Pouvoirs, nº 11, 1981. p: 245-333.
- BASTOS, Rogério Lustosa. *Poética e psicanálise*. Rio de Janeiro: E-papers editora, 2004.
- BASTOS, Rogério Lustosa. “Revoltas de 1968 e a contramodernidade: que 1968? Que contramodernidade?” In *PRAIA VERMELHA*, Revista do programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. Rio de Janeiro, V. 18, no 2, p: 287-298, jul/dez, 2008
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita (precedida de a noção de despesas)*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- _____. & DAMIÃO, Marques, (orgs). *Psicanálise: ofício impossível?* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- BRAUDEL, Fernand. *Ecrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.
- CHÂTELET, François. (org). *História da filosofia: o iluminismo*. Vol 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- CHÂTELET, François, et al. *História das idéias política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *O anti-édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Microfísica do Poder*. Organizado e traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1913) “Totem e tabu”, v 18.

_____. (1920) “Além do princípio do prazer”, v. 18.

_____. (1921) “Psicologia de grupo e análise do ego”, v. 18.

_____. (1927) “O futuro de uma ilusão”, v 21.

_____. (1930) “Mal-estar na civilização”, v 21.

_____. (1933) “Por que a guerra?”, v 21.

_____. (1938) “Moises e o monoteísmo”, v 23.

_____. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. v 1 a 24.

FUKS, Betty. *Freud & cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GOLDENBERG, Ricardo. *Política e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely (Orgs). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAY, Martins. *A imaginação dialética; história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÚBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE RIDER, Jacques; RAULET, Michel Plon Gerard; REY-FLAUD, Henri. *Em torno do Mal-Estar na cultura de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

LE RIDER, Jacques. “Cultivar o mal-estar ou civilizar a cultura?” In: LE RIDER, Jacques; RAULET, Michel Plon Gérard; REY FLAUD, Henri. *Em torno do Mal-Estar na cultura de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002b.

LOUREIRO, Isabel. “Herbert Marcuse: anticapitalismo e emancipação”. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-1732005000200001&script=sci_arttext#end03 Acesso: 20 abr. 2010.

- MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MAGALHÃES, Josiane. “Libertação pelo trabalho: reflexões sobre o pensamento marcuseano”. Disponível em: <http://www.consciencia.org/marcusejosi.shtml> Acesso: 20 abr. 2010.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento freudiano. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1986.
- MARCUSE, Herbert. *A grande recusa*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARCUSE, Herbert. *Cultura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MEZAN, Renato. “Sob o signo de thánatos”. In: MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectivas, 1989.
- MEZAN, Renato. “Viena e as origens da psicanálise”. In: PERESTRELLO, Marialzira (Org.). *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MEZAN, Renato. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MEZAN, Renato. *Freud: a conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.
- NUNES, Clara Helena Portella. “Shakespeare na formação cultura de Freud”. In: PERESTRELLO, Marialzira (Org.). *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PAZ, Otávio. *Templos nublados*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1983.
- PENNA, Antônio Gomes. “Freud e os filósofos gregos”. In: PERESTRELLO, Marialzira (Org.). *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PISANI, Marília Mello. “Utopia e psicanálise em Marcuse”. In: *Trans/Form/Ação*, revista do Depto. de Filosofia da UNESP. Marília, Vol. 29, no 2, p: 1-16; 2006.
- _____. “Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica”. In: *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, Volume IV, no 1, p:23-64, março de 2004.

PLON, Michel. “Da política em O mal-estar na política”. In: LE RIDER, Jacques & RAULET, M. P. G; REY F. H. *Em torno do Mal-Estar na cultura de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

PONTALIS, J.B. “A utopia freudiana”. In: PONTALIS, J.B. *A psicanálise depois de Freud*. Petrópolis: Vozes, 1972.

PRADO JR, Bento. “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud”. In: ____ . *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível; estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROBINSON, Paul. “Herbert Marcuse”. In: ____ . *A esquerda freudiana*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.

ROTH, M. S (Org.). *Freud: conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ROUANET, Sergio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.

ROUANET, Sergio Paulo. *A razão cativa*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROUANET, Sergio Paulo. “Filósofos e escritores alemães”. In: PERESTRELLO, Marialzira (Org). *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ROUANET, Sergio Paulo. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 2003c.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROUANET, Sergio Paulo. “A deusa razão”. In: ADAUTO, Novaes (Org.). *A crise da razão*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras & Funarte, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *História da psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. v 2.

SCHORSKE, Car. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Campinas: Unicamp & Companhia das letras, 1988.

SOUZA, Aires de. *Marcuse e o fim da sociedade de trabalho*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/marcusemichel.shtml> Acesso: 20 abr. 2010.

ZWEIG, Stefan. “Palavras proferidas diante do ataúde de Sigmund Freud no crematório de Londres, em 26 de Setembro de 1939”. In: ZWEIG, Stefan. *A marcha do tempo. Obras completas de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1956. Tomo XVIII.

**FREUD, CULTURE AND THE THANATOLOGY:
A reading of Marcuse in the freudian social work**

ABSTRACT:

This paper aims to discuss the freudian cultural theory, emphasizing the importance of the Eros and Thanatos drives in the human relationship, will discuss here, among other facts, that if the individual don't properly submits itself to the social restraints, it can destroy itself and the other. Considering that this theory indicates that the hope of surviving passes more by the collective arrangements than by the individual realization of the drives without limits, will discuss this fact by a social analysis of the Marcuse's readings of Freud. This author, leaning down over this work, on one hand, emphasizes that the contribution of the psychoanalysis, especially about Thanatos, is an unique legacy, for another, thinking through the seams and the gaps of the freudian cultural theory, shows that there is space both for the rescue of utopia (existence under the Eros dominion, which does not reduce the genital vision), and to create a new reality principle.

KEYWORDS: Culture. Drives. New reality principle.

**FREUD, LA CULTURE ET LA TANATOLOGIE:
Une lecture du social chez Freud par Marcuse**

RÉSUMÉ :

Cet article se propose d'examiner la théorie de la culture e de la civilisation chez Freud, pour souligner principalement l'importance de la pulsion d'Eros et la pulsion de Thanatos dans la relation entre les hommes. On va discuter, entre autres questions, que si l'individu ne se soumette pas aux restrictions sociaux pourra-t-il détruire soi-même et aussi aux autres. En considérant que telle théorie montre que l'espoir de survie passe par le collectif plus que par la réalisation individuel des pulsions sans limites, on va discuter de ce point à travers de la lecture ont été faites par Marcuse du social chez Freud. Cet auteur souligne, d'un côté, que la contribution de la psychanalyse, spécialement par rapport à Thanatos est l'héritage legítíme; d'autre côté, en réfléchissant entre le coutures et les trous de la theorie culturelle de Freud, il montre que il y a d'espace aussi pour la récupération de l'utopie – de l'existence sous la prédominance d'Eros que ne se réduit pas à la vision génital –, comme pour se créer un nouveau principe de réalité.

MOTS-CLÉS: Culture, pulsion freudiennes, nouveau principe de réalité.

Recebido em 15/07/10

Aprovado em 15/08/10